

Artigos



PERIODIZAÇÃO DE APARECIDA DE GOIÂNIA: DA FORMA EMBRIONÁRIA ÀS NOVAS FUNCIONALIDADES NO ESPAÇO FRAGMENTADO

THE PERIODS OF APARECIDA DE GOIÂNIA: OF THE SHAPE OF EMBRYO UNTIL THE NEW FUNCTIONS IN THE FRAGMENTED SPACE

PERIODIZACIÓN DE APARECIDA DE GOIÂNIA: DE LA FORMA DE EMBRIÓN A LAS NUEVAS FUNCIONES EN EL ESPACIO FRAGMENTADO

José Vandério Cirqueira Pinto – Secretária Municipal de Educação, Goiânia, GO

vanderio@hotmail.com

Resumo

No presente artigo, pretende-se elaborar algumas reflexões acerca das transformações ocorridas no espaço intraurbano de Aparecida de Goiânia. Com base em uma proposta de periodização espaço-temporal, busca-se esclarecer como este município sofreu metamorfoses em um período reduzido. Surgiu no sertão rural de Goiás em 1922 através das aspirações religiosas da igreja católica. Na década de 1970 e 1980 obteve crescimento urbano acelerado e sem planejamento ligado à periferização de Goiânia. Ganhou *status* de cidade periférica e caótica, conurbando-se com Goiânia, desempenhando arranjos funcionais intimamente ligados à capital. Atualmente, tem uma articulação econômica dinâmica, com estrutura intra-urbana fragmentada, múltipla e desigual, caracterizada pelas novas centralidades, territorialidades especializadas e precariedade social. O debate acerca da estruturação espaço-temporal deste município diferenciado no interior da Região Metropolitana de Goiânia traz à tona a necessidade de empreender reflexões verticais e englobadoras da problemática metropolitana instaurada em Goiânia, que parta tanto do todo para as partes, como do local para o geral.

Palavras-chave: Aparecida de Goiânia. Periodização. Centralidades.

Abstract

This article intend to present some reflections concerning the changes occurred in the urban space of Aparecida de Goiânia. On the basis of a proposal of historical and space analysis, this work proposes to clarify as this city underwent changes in a reduced period. Aparecida de Goiânia started in the rural interior of Goiás in 1922 through religions intentions of the Catholic Church. In the period of 1970 until 1980, Aparecida de Goiânia had accelerated urban growth and without planning connected to urban expansion of Goiânia. Aparecida de Goiânia became a outskirt and a complex city, integrating into Goiânia, playing functions connected to Goiânia. Actually Aparecida de Goiânia has a dynamic economic articulation, with fragmented, multiple and unequal urban structure, characterized for new centers, specific territoriality and social poverty. The debate about the historical and space development of this municipality in Metropolitan Region of Goiânia stress the necessity to build deep reflections of the metropolitan matter occurred in Goiânia, that occur as of the all for the parts as of the local for the global.

Key-words: Aparecida de Goiânia. Historical and space analysis. New centers.

Resumen

En el presente artículo, pretendese elaborar algunas reflexiones acerca de las transformaciones ocurridas en el espacio urbano de Aparecida de Goiânia. Con base en una propuesta de periodización espacial y temporal, buscarse esclarecer

Boletim Goiano de Geografia	Goiânia - Goiás - Brasil	v. 29	n. 1	p. 87-106	jan. / jun.	2009
-----------------------------	--------------------------	-------	------	-----------	-------------	------

como este municipio sufrió metamorfosis en un periodo reducido. Surgió en el interior de Goiás en 1922 por medio de las aspiraciones de la iglesia católica. En la década de 1970 y 1980 obtuvo crecimiento urbano acelerado y sin planeamiento ligado a la perifización de Goiânia. Ganó status de ciudad periférica, entrechocándose con Goiânia, desempeñando arreglos funcionales ligados a la capital. Actualmente, Aparecida de Goiânia tiene una nueva articulación económica, con estructura urbana fragmentada, múltiple y desigual, caracterizada por el nuevos centros y desigualdad social. La discusión acerca de la estructuración del espacio y del tiempo de este municipio diferenciado en el interior de la metrópoli Goiânia destaca la necesidad de emprender reflexiones verticales de la cuestión metropolitana establecida en Goiânia, que parta tanto del todo para las partes, como del local para el general.

Palabras clave: Aparecida de Goiânia. Periodización. Nuevos centros.

Introdução

A forma é o resíduo de estruturas que foram presentes no passado. [...] Nos conjuntos que o presente nos oferece, a configuração territorial, apresentada ou não em forma de paisagem, é a soma de pedaços de realizações atuais e de realizações do passado.

Milton Santos (1994, p. 69).

Compondo a Região Metropolitana de Goiânia (RMG), o espaço urbano de Aparecida de Goiânia se estruturou diante de diferentes funções na conjuntura urbana de Goiás. Daí nasce a necessidade de propor uma reflexão sobre seu trajeto espaço-temporal. Se hoje são territorialidades fragmentadas, reproduzindo a lógica comum dos apêndices periféricos brasileiros, faz-se necessário refletir sobre o que levou Aparecida de Goiânia a chegar a este momento, recorrendo-se às suas distintas periodicidades. Então, qual é o propósito de periodizar Aparecida de Goiânia? As ações particulares em períodos diferentes promoveram o estabelecimento da fragmentação em Aparecida de Goiânia, aguçando o interesse de verificar como o espaço foi produzido e reproduzido nesse município ao longo do seu tempo espacial dinâmico, que tem como principal característica a permanente transformação. Parafraseando Santos (1994), na epígrafe do texto, *a forma de Aparecida de Goiânia é o resíduo de estruturas que foram presentes no passado e sua paisagem agora discrepante e fragmentada é a soma de pedaços de realizações atuais e de realizações do passado.*

Diante dessas considerações, ao propor uma periodização de Aparecida de Goiânia, tenta-se responder algumas questões levantadas, como: O que promoveu a origem de Aparecida na década de 1920? Quais atores

estavam envolvidos? O que impulsionou a transição de um simples povoado para uma periferia conurbada? Quais elementos são responsáveis pela atual reestruturação de Aparecida de Goiânia? Seu passado ainda tem função diante de seu dinamismo? Para responder estas questões, este artigo aborda num primeiro momento, a necessidade de se periodizar Aparecida de Goiânia; e ao final, realiza uma periodização da cidade em questão, em quatro fases distintas, enfocando as peculiaridades e rupturas de cada fase.

Sobre a necessidade de periodizar Aparecida de Goiânia

Ao se propor investigar as transformações internas ocorridas numa cidade específica, deve-se ater ao caráter temporal e espacial da leitura geográfica. Há autores que defendem a produção cartográfica das representações sociais (DELEUZE & GUATTARI, 1995). No caso específico de Grataloup (1991), a argumentação se volta para a interação entre espaço-tempo, onde destaca que a geografia atual vem a cada dia se desvinculando desse separatismo existente entre espacialidade e temporalidade, promovendo, através da geografia das redes urbanas e das vias de comunicação, uma leitura geográfica que cada vez mais congregue organização espaço-temporal, chegando a ponto de afirmar que o *tempo é mapogênico*.

Mas o cuidado que se deve ter ao propor uma periodização é na organização dos períodos, os chamados eventos defendidos por Santos e Silveira (2001). A periodização segundo estes autores, e também Grataloup (1991), não deve seguir cortes rígidos no tempo, pois o social se reproduz de forma mais ou menos organizada e de forma mais ou menos sincrônica, podendo haver descontinuidades e rupturas.

Aparecida de Goiânia faz parte do processo de produção espaço-temporal de Goiânia, mas este não é o único responsável pelo seu desenvolvimento. Portanto, periodizar Aparecida de Goiânia, inclusive somente pela perspectiva da articulação espacial cindida por Goiânia, é *apagar os elementos chave de sua origem*, que influenciam até hoje sua lógica atual. É apagar sua gênese, removendo as ações dos atores sociais que se afirmaram no tempo/espaço aparecidense. Retornar ao aglomerado metropolitano que dele participa Aparecida de Goiânia, também o faz necessário em um segundo momento, pois proporciona visualizar a complexidade do processo

metropolizante como um todo. Conforme afirma Grataloup (1991, p. 157), “periodizar parte da ação de recortar e identificar o particular a partir do geral”.

Com relação à periodização de Aparecida de Goiânia¹, é necessário reconhecer que ela tem sua história espacial própria, pretérita à da capital Goiânia. Por outro lado, não se tem a intenção de negligenciar que Aparecida de Goiânia tem sua forma e função reorientada à lógica urbana de Goiânia. Dizer que sua formação se confunde com o processo de metropolização de Goiânia não pode significar apagamento de suas particularidades originadas do seu passado, em um tempo que a estrutura urbana goiana era totalmente diferente do que quando Goiânia passou a existir. Na tentativa de se detalhar os eventos espaciais manifestados em Aparecida de Goiânia, organizou-se os períodos em quatro fases distintas: na primeira fase, a abordagem se dá desde a origem do povoado aparecidense, em 1922, até o período de 1935. A segunda fase destaca o período de 1935 até 1963. A terceira fase vai de 1963 até 1990. E a última delonga-se de 1990 até os dias atuais².

Quadro 01: Síntese das fases espaço-temporal de Aparecida de Goiânia		
Período	Tema	Características norteadoras
De 1922 a 1935	Origem do povoado no contexto rural goiano.	Origem religiosa; povoado rural; incorporação ao município de Goiânia (pouca proximidade com a capital).
De 1935 a 1963	Entrelaçamento descontínuo com a capital e emancipação política.	Consolidação do distrito de Aparecida; novos loteamentos descontínuos do núcleo original; incremento populacional e conurbação (dependência da capital).
De 1963 a 1990	Crescimento urbano e periferação.	Zona receptora de migração; intenso parcelamento do solo; desordenamento urbano e falta de infra-estrutura básica (estereótipo de “cidade dormitório”).
De 1990 até dias atuais	Novas funcionalidades no espaço fragmentado	Contenção ao parcelamento do solo; implantação descontínua de infraestrutura urbana; novas centralidades; relação de complementaridade e interdependência com Goiânia (periferia dinâmica).
Fonte: José Vandério Cirqueira Pinto.		

Primeira fase (1922 – 1935): origem do povoado no contexto rural

A principal característica da primeira fase foi o contexto rural que envolvia o estado de Goiás e Aparecida³, como as demais cidades e povoados da sua volta não fugiam dessa lógica. Melo⁴ (2002) destaca que Aparecida nasceu sob o signo da contradição e da oportunidade. Como lugarejo, teve seu início inspirado pela imposição da religiosidade apregoada pela Igreja Apostólica Romana nos idos de 1922.

Barbosa, Gomes e Teixeira Neto (2004) destacam os diferentes fatores que criaram, ativaram e reanimaram as cidades goianas. Dentre estes, no caso de Aparecida, estavam a imposição religiosa que se estabeleceu como fator indispensável na efetivação política e ideológica. Outro fator estava ligado à condição agro-pastoril, representada pelos fazendeiros locais. Era costume comum naquela época, eles serem o poder político e administrativo dos vilarejos. Os fazendeiros da região doavam terras à igreja no intuito de constituir o patrimônio. Segundo Ortêncio (1983, p. 324), patrimônio é entendido como “doação de uma gleba de terra que um fazendeiro faz à igreja, cuja *currutela* será formada pelos sitiantes da redondeza, onde têm a oportunidade de colocarem os seus filhos na escola”. Vale destacar que atrás da ideia de *patrimônio* estava a imposição política dos fazendeiros, que se portavam como os atores locais territorializadores.

Em Aparecida, a doação de terras de fazendeiros locais, localizados no município de Campinas (hoje bairro de Goiânia), teve como principal objetivo a formação de uma localidade religiosa e, conseqüentemente, o embrião de um vilarejo comercial que atendesse a região, pois Aparecida estava distante de Campinas (cidade mais próxima na época) e distante de Santo Antônio das Grimpas, hoje município de Hidrolândia (próspero povoado de Pouso Alto, hoje Piracanjuba). Essa organização espacial fortalecia a territorialização dos interesses econômicos dos fazendeiros envolvidos com o patrimônio, havendo assim, uma estreita ligação entre articulação econômica e imposição religiosa, resultando na formação do sítio urbano inicial. O Registro de Imóveis da Terceira Circunscrição de Goiânia de 04 de março de 2002 comprova a doação de terras para a formação do povoado de Aparecida em 1922, onde registra:

uma parte de terras de campos, composta de 2 alqueires, de terras, sitas neste município, na FASENDA SANTO ANTÔNIO. [...] em que é adquirente MISTRA ARQUIDIOCESANA DE GOIÁS, e, são transmitentes JOSÉ CÂNDIDO DE QUEIROZ, e sua mulher dona MARIA ELIAS DE DEUS digo de JESUS, residentes neste município, conforme cert. ext. de esc. púb., de doação, lav. Em 18 de

março de 1922, lav. Pelo 1º tab., de então, Clemente Rochedo de Abreu, do ext. termo de Campinas (Grifos do documento).

Segundo Ortêncio (1983), o nome de Aparecida deve-se à padroeira do povoado: Nossa Senhora Aparecida. Os primórdios da evolução social do pequeno povoado repousaram na capelinha em homenagem à padroeira. Na mesma região de Aparecida, outros povoados e cidades surgiram sob a mesma articulação. Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 1958), Hidrolândia nasceu em “1895, quando se fizeram as primeiras doações de terras para construir o patrimônio. [...] A causa determinante da fundação do povoado foi a capelinha dedicada a Santo Antônio, hoje padroeiro da cidade” (IBGE, 1958, p. 209). Aparecida e Hidrolândia surgiram da mesma lógica embrionária iniciada por Itaberaí, Inhumas, Piracanjuba, Bela Vista, Trindade, Nerópolis, Goianira (IBGE, 1958), Campinas (CAMPOS, 1985), entre outras. Elas surgiram através da doação de terras (constituição do patrimônio) e imposição religiosa, e todas iniciaram em volta de capelas.



Foto 01: Povoado de Aparecida em festividade religiosa. Detalhe da igreja Nossa Senhora Aparecida e das primeiras casas ao fundo. A cruz de madeira, a capela e algumas casas ainda resistem no centro histórico.

Fonte: <<http://www.camaradeaparecida.go.gov.br/>> (acesso em 10/01/2007).

Os primeiros habitantes aparecidenses foram os fazendeiros José Cândido de Queirós, Abrão de Lourenço de Carvalho, Antônio Barbosa Sandoval, João Batista de Toledo, Aristides Frutuoso e suas famílias (GOIÁS, 1973). Sua paisagem era formada pela igreja, construída em 11 de maio de

recidense, localizando as casas na sua proximidade, bem como incentivando o comércio, que teve função relevante no momento destacado para sua localidade, pois servia como uma parada entre a longínqua Pouso Alto e Campinas. Outro fator preponderante foi sua localização ao sul do município de Campinas. Pois o epicentro polarizador de Aparecida não se limitava a Campinas, se ligava também ao próspero povoado de Santo Antônio das Grimpas, ao município de Bela Vista e Piracanjuba, sendo a região Sul de Goiás, nas palavras de Borges (1990), *a porta de entrada da sua transformação rural*. Nesse eixo sul goiano brotou uma infinidade de povoados, que mais tarde se emanciparam, anunciando, através da fragmentação territorial, fortes mudanças na lógica urbana de Goiás.

Aparecida foi implantada no território de Campinas, e as poucas famílias que habitavam-na na década de 1920 tinham o município de Campinas como referência. Por sua vez, Aparecida estava envolvida por municípios que para a época apresentavam um contingente populacional considerável, caso de Anápolis, com mais de 16 mil habitantes, a Cidade de Goiás, com mais de 21 mil, Bonfim (hoje Leopoldo de Bulhões), com mais de 12 mil, Pouso Alto, com mais de 13 mil pessoas, e mais ao sul, Catalão, com 38.574 pessoas, sendo o município mais populoso de Goiás. Mesmo com ínfimo papel urbano frente às outras localidades, o povoado de Aparecida surgira em meio a municípios que concentravam mais de 25% do total do estado de Goiás. Annapolis e Pouso Alto dobraram suas populações de 1908 a 1920, Goyaz, Bela Vista e Curralinho (hoje Itaberaí) tiveram também um aumento considerável (BRAZIL, 1926).

A partir da década de 1930, as novas estradas de rodagens e a penetração da ferrovia iriam anunciar uma profunda mudança em Aparecida e em todos os municípios à sua volta, essa ruptura de fase será confirmada com a implantação de Goiânia. Estevam (1998, p. 109) lembra que “lemas como ‘novo tempo’ e ‘modernismo’ foram frequentemente arrolados nos documentos oficiais dos anos trinta e a construção da nova capital representava o empreendimento sintetizador do afã de desenvolver o estado”. Essas novas aspirações, evidentemente, atingiram Aparecida de forma direta, pois era o povoado mais próximo da nova capital do estado de Goiás.

Segunda fase (1935 – 1963): entrelaçamento descontínuo de Aparecida de Goiânia com Goiânia e emancipação política

Nesta nova fase, a instalação de Goiânia promoveu profundas transformações nas aspirações do povoado de Aparecida, como em todo o estado

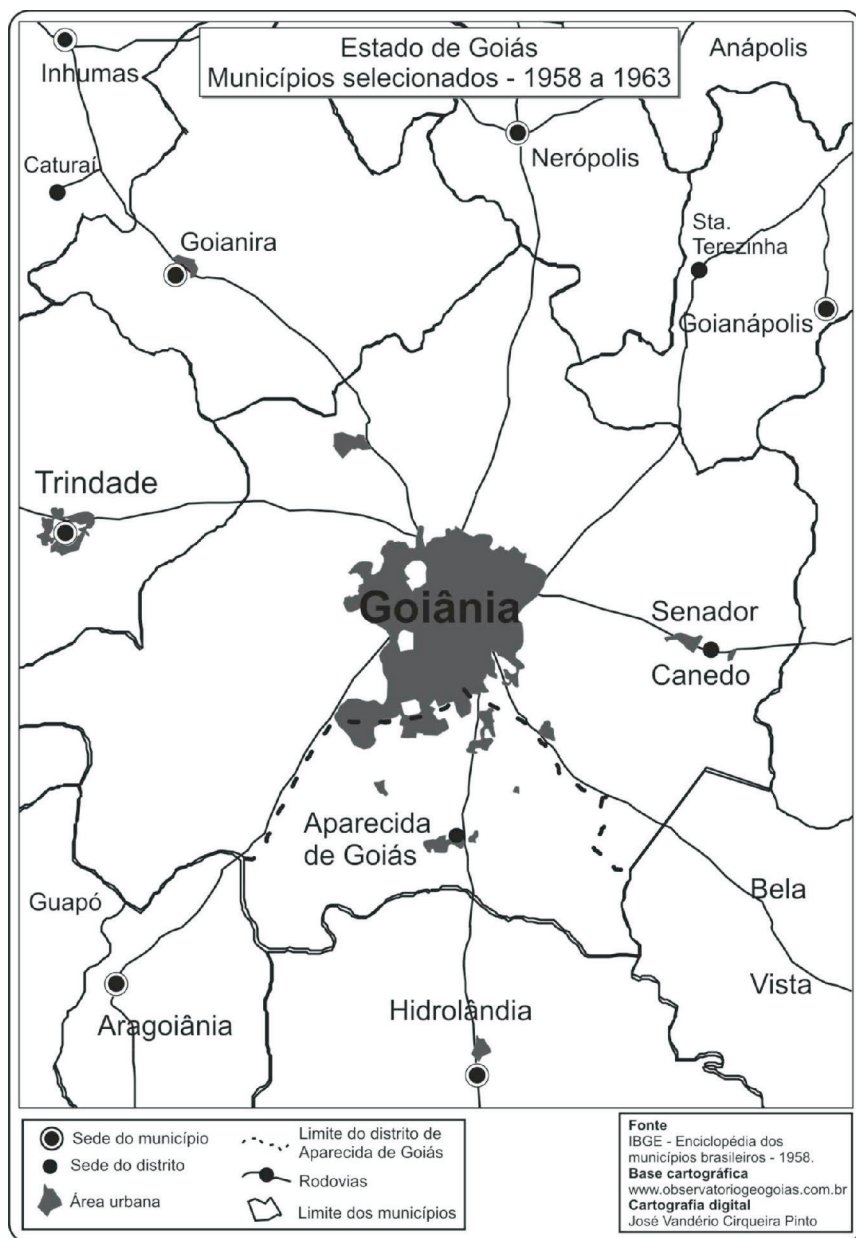
de Goiás. Segundo o Decreto de Lei Nacional nº 311, de 2 de março de 1938, que dispõe sobre a formação do território da nova capital, os documentos incluíam o arraial de Aparecida de Goiás (passou a se chamar assim) no território de Goiânia. Conforme destaca Melo (2002), nesse período, Aparecida se ligou umbilicalmente à capital, apesar da sua pouca expressão, dependia financeira e administrativamente de Goiânia. Outra forte ligação do arraial era com o município de Hidrolândia, localizado ao sul.

Ainda em consolidação, o povoado de Aparecida se desenvolvia timidamente em meio a municípios que tiveram sua origem no século XIX, caso de Anápolis, Bela Vista de Goiás, Hidrolândia, Trindade, Piracanjuba, Nerópolis e Inhumas. Apenas Aparecida se emancipou na segunda metade do século XX (em 1963). Todos os outros se emanciparam até a primeira metade do século XX, exemplo de Hidrolândia, Trindade, Goiânia, Nerópolis e Inhumas. Anápolis, Piracanjuba e Bela Vista de Goiás se emanciparam ainda no século XIX. Esse elemento mostra quanto os outros povoados em volta de Aparecida se mostravam mais prósperos. Em 1936, Anápolis se destacava no quadro populacional, com mais de 23 mil habitantes, e Goiânia se consolidava como a nova capital moderna do estado, com a população de 18.970 habitantes. De 1936 a 1960, municípios como Piracanjuba, Trindade e Bela Vista de Goiás apresentaram pequeno crescimento populacional ou mesmo reduziram sua população. Até 1960, Goiânia alcançou a população de 150.306 pessoas, Anápolis com 63.029 e o distrito de Aparecida de Goiás apresentava uma pequena população de 3.199 habitantes.

Quadro 02: Estado de Goiás: origem, ano de criação e população dos municípios selecionados (1936 – 1960)

Municípios	Ano de origem	Ano de criação	Município de origem	Pop. 1936	Pop. 1940	Pop. 1950	Pop. 1960
Anápolis	1859	1887	Pirenópolis	23.375	39.148	50.338	63.029
Aparecida de Goiânia	1922	1963	Goiânia	--	--	--	3.199
Bela Vista de Goiás	1852	1896	Bonfim	6.727	8.195	10.544	11.710
Goiânia	1935	1935	Anápolis, Bela Vista	18.970	48.166	52.389	150.306
Hidrolândia	1895	1948	Piracanjuba	--	--	6.356	5.471
Inhumas	1858	1931	Itaberaí	7.114	12.320	17.629	21.985
Nerópolis	1894	1948	Anápolis	--	--	5.739	6.996
Piracanjuba	1833	1886	--	19.617	15.544	17.398	15.874
Trindade	1840	1943	Goiânia	7.616	--	8.247	13.265

Fonte: Censos demográficos de 1937, 1946, 1958 e 1960.



Mapa 02: Estado de Goiás: municípios selecionados – 1958 a 1963. Refere-se à segunda fase da periodização.

Segundo a Lei nº 1.295, de 19 de dezembro de 1958, Aparecida de Goiás se transformou em um distrito de Goiânia (GOLÁS, 1973). Sete dias depois, seu nome foi substituído por Goialândia (distrito entre Goiânia e Hidrolândia), não tendo boa aceitação pela população local. O tecido urbano do novo distrito se manteve inalterado até 1958. A partir deste período, surgiram novos loteamentos, com destaque para o setor Vila Brasília. Esses novos bairros parcelados no distrito de Aparecida de Goiás se concentravam na porção sul de Goiânia, apresentando assim maior relação funcional entre o distrito e a capital, porém com o tecido urbano descontínuo entre ambas: ocupação no centro histórico, fazendas e chácaras no interior do distrito e ocupação no seu limite com o município de Goiânia.

A pavimentação da atual BR – 153 e a construção de Brasília coincidiram com um incremento migratório para Goiânia, refletindo na ocupação de novas áreas do distrito de Aparecida de Goiás. Surgiram novos bairros no limite norte do distrito, na antiga estrada Rio Verde (hoje Avenida Rio Verde, limite atual entre os municípios) e rodovia Goiânia - Bela Vista (hoje GO – 352). Segundo o Plano Estratégico Municipal para Assentamentos Sub-normais (PEMAS, 2003), em 1922, Aparecida tinha 339 lotes no seu núcleo original. Já no período de 1935 a 1963, Aparecida contava com 15.000 lotes disponíveis e 1.670 famílias. Ou seja, expressava antes de sua emancipação, instabilidade entre ocupação do seu solo urbano, tendo como contraponto os vazios urbanos, afirmando a desconexão do tecido do distrito com a capital.



Foto 02 e 03: À esquerda, momento de elevação do povoado de Aparecida para distrito de Aparecida de Goiás (19 de dezembro de 1958). À direita, Ires Resende Machado, Tanner de Mello e outras personalidades locais no ato de emancipação de Aparecida de Goiânia – 14 de novembro de 1963. Fonte: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Aparecida de Goiânia – 2008.

Com a consolidação do distrito aparecidense, por meio do incremento populacional, fortaleceu-se a proposta de emancipação política. Segundo a Lei estadual 4.927, de 14 de novembro de 1963, é criado o município de Apareci-

da de Goiânia, que se constituirá da área territorial do distrito de Aparecida de Goiás, pertencente a Goiânia. Arimatéia (2003) destaca que, sancionada a lei de emancipação, ela foi encaminhada pelo Deputado Olinto Meirelles e o Prefeito de Goiânia, na época Íris Rezende Machado, que emancipou o município de Aparecida de Goiânia, sendo este submetido às seguintes divisas:

Começam no alto da Serra do Córrego Fundo, na Rodovia Estadual Bela Vista de Goiás - Goiânia; segue por esta Rodovia até seu cruzamento com a Rodovia Federal Goiânia - Itumbiara; segue por esta, rumo Goiânia até encontrar a rodovia estadual Goiânia - Rio Verde; segue por esta, rumo Rio Verde até encontrar a divisa do Município de Guapó (Lei Estadual nº 4.927).

Em 1963, Aparecida de Goiânia (como ficou conhecida após a emancipação) portava um quadro populacional de 7.476 habitantes, desses, só 11,88%, ou 888 pessoas se localizavam na sede municipal, mais especificamente, no centro histórico, o restante estava concentrado na zona rural e no quadro suburbano, compreendido pelos novos loteamentos que iam surgindo, caso do setor Vila Brasília, importante centro comercial. Com base na Sinopse Preliminar do Censo Demográfico de Goiás (IBGE, 1970), em Aparecida de Goiânia, no ano de 1970, existiam 1.886 domicílios, no qual 1.438 estavam ocupados e 167 se encontravam no centro histórico, e o restante (1.271) se encontrava em grande parte na zona rural e nos outros loteamentos da zona conurbada, tendo a recente cidade emancipada 381 domicílios vagos e 67 fechados.

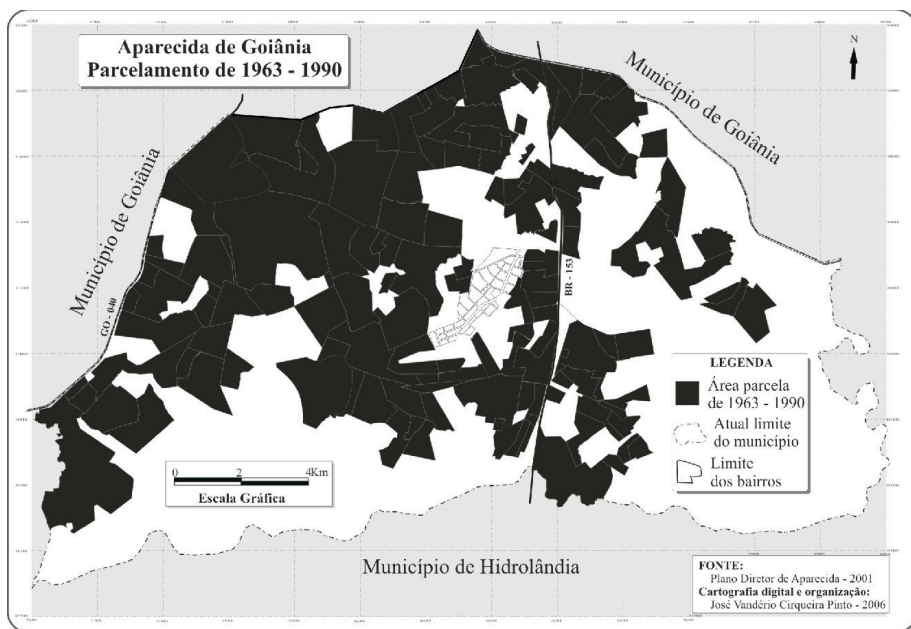
Esse novo município nasceu com tecido urbano fragmentado, um centro histórico consolidado, na sua porção central, porém desconectado do restante da cidade. Pinto (2006) destaca que um fenômeno relevante que ocorreu com a emancipação foi o início do deslocamento do centro comercial da cidade para a região da Avenida Rio Verde. De um modo geral, houve um transbordamento da capital para Aparecida de Goiânia. O centro histórico se manteve sem crescimento e perdeu *status* comercial, enquanto eram parceladas áreas na zona conurbada, tornando-se um novo centro. Essa configuração fragmentada anunciou a nova fase de Aparecida de Goiânia, sofrendo mais uma ruptura: a expansão urbana desordenada.

Terceira fase (1963 – 1990): crescimento urbano e periferização

Nesta fase, um ponto relevante a ser considerado é o processo intensivo de parcelamento do solo urbano de Aparecida de Goiânia, que teve sua

origem na suburbanização de Goiânia. A capital do estado e, consequentemente, Aparecida de Goiânia funcionaram como zona receptora das vertiginosas migrações que se deslocavam para o planalto central no período em questão. Por outro lado, as migrações da capital também contribuíram com o inchaço populacional. Segundo o PEMAS (2003), no período da década de 1980, mais de 70 mil pessoas que viviam em áreas de risco de Goiânia foram transferidas para Aparecida de Goiânia, fruto da ação do poder público.

O acúmulo populacional aparecidense desencadeou a pauperização da população, a configuração de loteamentos subnormais e a formação de vazios demográficos. No período de 1964 a 1980, haviam 9.700 famílias em Aparecida de Goiânia e 171.000 lotes, confirmando a diferença entre famílias e lotes disponíveis (PEMAS, 2003). Em pouco mais de uma década, o quadro estável de domicílios foi invertido (comparando com os dados da fase anterior), apresentando uma enorme diferença entre número de lotes disponíveis e número de famílias no município.



Mapa 03: Aparecida de Goiânia: parcelamento de 1963 - 1990. Referente à terceira fase.

A ocupação desordenada de Aparecida de Goiânia agravou-se em virtude da Lei Municipal nº 4.526, de 1972, aprovada em Goiânia, que passou

a disciplinar com vigor o parcelamento do solo da capital, impedindo loteamentos para fins urbanos que não tivessem infraestrutura urbana adequada, como água, pavimentação e iluminação pública. Diante de tais exigências, o capital especulativo imobiliário de Goiânia juntamente com a flexibilidade de regulação urbana do poder público de Aparecida de Goiânia naquela época passaram a lotear grande parte do município, devido à sua proximidade e enorme oferta de áreas (PLANO DIRETOR, 2001). O mapa 03 ilustra o quanto a área parcelada de Aparecida de Goiânia abrangeu o município até a década de 1990.

De 1980 a 1991, havia 225.000 lotes disponíveis com apenas 39.800 famílias no município, caracterizando a grande quantidade de áreas vazias (PEMAS, 2003). Mesmo assim, a população aumentou muito. De 1970 a 1980, o crescimento populacional foi de 19%, e de 1980 para 1991, a população cresceu mais de 13%. Passou de 7.470, em 1970, para 178.483, em 1991, com 98,36% da população urbana, caracterizando Aparecida de Goiânia como um centro densamente urbanizado e periférico da grande Goiânia. Além de ser periférico era muito precário de infraestrutura. Para se ter uma ideia, somente na década de 1980, o município de Aparecida de Goiânia começou a receber água tratada (22,9% dos domicílios).

O curioso é que dos 42.632 habitantes da cidade, 31.926 se localizava no distrito de Vila Brasília, na década de 1980 (GOIÁS, 2005), confirmando a formação desse novo subcentro, o setor Vila Brasília. Na década de 1990, o município começou a receber redes de esgoto e hospitais, além de fortalecer suas atividades econômicas. Em 1970, 71,40% da população aparecidense eram migrantes, o que correspondia a 5.334 pessoas; em 1980, subiu para 82,32%, ou 35.093 pessoas (PEMAS, 2003). De 1963 a 1990, a cidade apresentou o maior parcelamento de bairros, no total foram 145 novos bairros (PLANO DIRETOR, 2001).

Quadro 04: Aparecida de Goiânia: distribuição da população, atividades econômicas, hospitais, rede de esgoto e de água (1970 - 1991)

Ano	Pop. Urbana	Pop. Rural	Total	Indústrias	Comércio e Serviços	Hospitais	Esgoto*	Água*
1970	885	6.585	7.470	447	674	--	--	--
1980	20.719	21.913	42.632	139	116	--	--	22,9 %
1991	175.555	2.928	178.483	178	345	3	14,5 %	20,8 %

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 1970, 1980, 1991.

* Percentual de domicílios atendidos.

No período da década de 1970 a 1990, Aparecida de Goiânia foi um dos municípios da RMG que mais sofreu influência especulativa resultante da expansão urbana de Goiânia, tendo como consequências a ocupação desordenada e a configuração de sub-normalidade habitacional. Faz-se necessário compreender o atual estágio da produção urbana aparecidense e suas novas funcionalidades.

Quarta fase (1990 até dias atuais): novas funcionalidades do espaço fragmentado

Nessa última fase, o principal elemento que se configura no arranjo interno de Aparecida de Goiânia é a sua própria reestruturação intraurbana. Segundo Villaça (1998), ela ocorre quando uma determinada área sofre uma alteração no seu padrão funcional devido às articulações sociais no interior da cidade. Um exemplo é o trabalho realizado por Pinto (2006), onde o autor argumenta que com a configuração do Buriti Shopping, ao longo da Avenida Rio Verde, houve a construção de uma nova centralidade (centralidade Buriti), seguida da proliferação comercial, valorização e verticalização imobiliária, reestruturando aquela parcela da cidade.

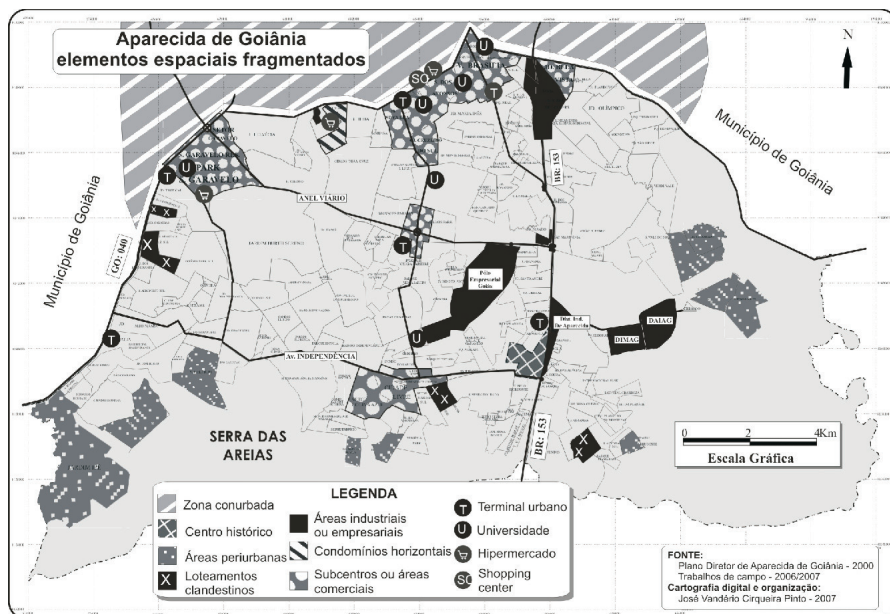
Essa reestruturação torna-se visível no quadro 05, onde destaca o aumento significativo do número da população, das atividades econômicas principais, dos hospitais, das universidades e dos bancos, no curto período de 1996 a 2007. Em 1996, Aparecida de Goiânia não contava com nenhum banco, 11 anos depois, contabiliza 13 bancos. Em 2000, tinha 2 universidades, e em 2007, passou a ter 5 universidades. Os hospitais eram 5, em 1996, e em 2007, eram 8. Todavia, o crescimento mais se deu no ramo de comércio e serviços, que contava com 1.575 domicílios, em 1996, e passou a 4.490, em 2007. A indústria também sofreu forte crescimento, saindo de 485 estabelecimentos, em 1996, chegando a 1.272, em 2007. Por outro lado, deve ser considerado que o aumento de hospitais, universidades e bancos foi pequeno, comparando-se ao forte crescimento populacional da cidade. Em 1996, havia 265.867 habitantes, e em 2007, esse número subiu para 475.303, mostrando-se insuficiente a quantidade de serviços para a população.

Quadro 05: Aparecida de Goiânia: população, atividades econômicas, hospitais, universidades e bancos (1996 – 2007)

Ano	População	Indústrias	Comércio e serviços	Hospitais	Universidades	Bancos
1996	265.868	485	1575	5	--	--
2000	336.392	640	1814	7	2	10
2007	475.303	1272	4490	8	5	13

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas, 2007. <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/> (acesso 04/01/2008). Contagem da População, 1996. Censo Demográfico, 2000. Contagem da População, 2007.

Com relação à reestruturação do espaço intra-urbano das cidades, Gottdie-ner (1993, p. 72) argumenta que ela é o resultado direto de “ações e de interesses especiais, que atuam através de uma articulação entre o estado e o setor imobiliário e estão associados à reurbanização [...]”. Ou seja, o poder público age em favorecimento da ação da iniciativa privada em reconfigurar as funções da cidade, fragmentando os nichos de comando. Em Aparecida de Goiânia, mantém-se a lógica caótica de determinadas áreas da cidade, porém estas áreas encontram-se contrabalançadas pelos setores especializados e pelas centralidades comerciais.



Mapa 04: Aparecida de Goiânia – elementos espaciais fragmentados. Referente à quarta fase da periodização.

Acerca das peculiaridades intraurbanas, na zona conurbada de Aparecida com Goiânia, configura-se o subcentro do Garavelo, condomínios fechados e centralidades nas proximidades do Buriti Shopping, universidades e hipermercados, além da Cidade Empresarial. No eixo da BR: 153, concentram-se hotéis, empresas atacadistas e indústrias diversas. No cruzamento do Anel Viário com a BR: 153, encontra-se o Pólo Empresarial Goiás (PEGO), o Parque Industrial Aparecida, o Distrito Agroindustrial de Aparecida de Goiânia (DAIAG) e o Distrito Industrial do Município de Aparecida de Goiânia (DIMAG). Na parte sul da BR: 153, localiza-se o centro histórico e, ao longo da Avenida Independência, o subcentro Cidade Livre.

Na composição do mosaico aparecidense, a tendência de compartimentação e especialização de determinadas áreas são inevitáveis. Com territorialidades especializadas, centro histórico e áreas sem infra-estrutura, Aparecida de Goiânia se reorganiza estabelecendo múltiplas funcionalidades com a capital, parecendo que existem várias cidades dentro de uma só, que pouco se relaciona consigo mesma e muito se relaciona com Goiânia, devido sua forte concentração de elementos geográficos. Múltiplos tempo/espacos em uma só Aparecida de Goiânia respondendo às distintas articulações de um todo metropolitano de Goiânia.

Conclusão

Essa periodização teve como proposta fundamental interrogar como ocorreu a produção do espaço urbano de uma cidade específica, que participa de um todo chamado Região Metropolitana de Goiânia. Com base em Santos (1996, p. 20), deve-se apreender “lo particular como uma visión del todo, um momento del todo, así como el todo reproducido em uma de sus fracciones”. É pensar a problemática aparecidense como um desafio de toda Região Metropolitana, considerando as particularidades das suas frações, mas que compõem a totalidade espacial do aglomerado urbano. Arrais (2007) argumenta sobre a existência de uma *arena política* no aglomerado de Goiânia, polinucleada, pavimentadora das diferenças e gestora das desigualdades. Por isso, pensar a periodização espaço-temporal de Aparecida de Goiânia não é um fim, e sim um meio para que se chegue ao entendimento do aglomerado de Goiânia diante de suas múltiplas facetas e emaranhadas conexões sócio-territoriais.

1 Com relação à periodização, Goiânia tem várias propostas, a exemplo de Moraes (1991); do Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia, o PDIG (1992), Chaveiro (2001) e Paula (2003).

- 2 Considerou-se como base da periodização o parcelamento do solo urbano e as manifestações ocorridas no seu curto tempo de existência, tendo como finalidade a construção do *tempo mapogênico* proposto por Grataloup (1991), pois à medida que a cidade crescia, as transformações ocorriam e os eventos caracterizavam novas lógicas socioespaciais, o tempo aparecidense ia sendo mapeado, representado através da periodização e do parcelamento do solo urbano.
- 3 Ao longo dos períodos apresentados será considerado o nome que Aparecida de Goiânia tinha em cada momento histórico. No período referente à primeira fase o povoado era denominado de Aparecida, e conhecido popularmente como *Aparecidinha*.
- 4 Freud de Melo, e seu irmão Tanner de Melo foram incentivadores da emancipação do município de Aparecida de Goiânia e se constituíram também, como prefeitos do município no período do final dos anos de 1960 até início de 1980.

Referências

APARECIDA DE GOIÂNIA, Prefeitura de. **PEMAS. Plano Estratégico Municipal para Assentamentos Subnormais**. Aparecida de Goiânia, 2003.

APARECIDA DE GOIÂNIA, Prefeitura de. **Plano Diretor de Aparecida de Goiânia**. Decenal 2001/2011. Aparecida de Goiânia, 2001.

ARIMATÉIA, M. **Terra do nem – uma fronteira de interesses**. Goiânia: UCG, 2003.

ARRAIS, T. A. **A região como arena política**. Goiânia: Vieira, 2007.

BARBOSA, A. S., GOMES, H., TEIXEIRA NETO, A. **Geografia Goiás Tocantins**. Goiânia: EdUFG, 2004.

BORGES, B. G. **O despertar dos dormentes – estudo sobre a Estrada de Ferro Goiás e das estruturas regionais: 1909 – 1922**. Goiânia, EdUFG, 1990.

BRAZIL. Recenseamento Geral do Brazil. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística. Vol. IV. TYP. da Estatística: Rio de Janeiro, 1926.

CAMPOS, I. F. **Notícias históricas do Bairro Campinas**. Goiânia: Prefeitura Municipal, Assessoria de Cultura, 1985.

CHAVEIRO, E. F. **Goiânia, uma metrópole em travessia**. 2001. Tese (Doutorado em geografia). Universidade de São Paulo – USP: São Paulo, 2001.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

ESTEVAM, L. **O tempo da transformação**. Goiânia: Editora do Autor, 1998.

GOIÁS. **Anuário estatístico do Estado de Goiás**. Goiânia: Seplan, 2005.

GOIÁS. **Levantamento histórico e econômico dos municípios goianos**. 3. ed. Secretaria da Indústria e Comércio, 1973.

GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: EdUSP, 1993.

GRATALOUP, C. As regiões do tempo (extratos). In: **Périodes: la construction du temps historique**. Paris, 1991; p. 157 – 173 (tradução de Rogério Haesbaert).

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. XXXVI. Rio de Janeiro, 1958.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Sinopse preliminar do censo demográfico de Goiás**. Rio de Janeiro, 1970.

MELO, F. de. **Aparecida de Goiânia: do zero ao infinito**. Goiânia: Asa, 2002.

MORAES, S. **O empreendedor imobiliário e o Estado: o processo de expansão de Goiânia em direção sul**. (1975 – 1985). Brasília, 1991. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, 1991.

ORTÊNCIO, B. W. **Dicionário do Brasil Central. Subsídios à filologia: linguagem, usos e costumes, folclore, toponímia dos municípios**. São Paulo: Ática, 1983.

PAULA, F. M. de A. **Descentralização e segregação sócio-espacial em Goiânia: uma análise das centralidades dos setores Bueno, Oeste e Marista**. 2003. 202. f. Dissertação (Mestrado em Geografia) IESA, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

PINTO, J. V. C. **Reestruturação intra-urbana de Aparecida de Goiânia: o impacto da implantação do Buriti Shopping e a formação de uma nova centralidade na Avenida Rio Verde**. 2006. 110. f. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2006.

PLANO de Desenvolvimento Integrado de Goiânia 2000 (**PDIG**). Goiânia: Instituto de Planejamento Municipal da Prefeitura Municipal de Goiânia, 1992.

SANTOS, M. & SILVEIRA, M. L. **O Brasil – território e sociedade no início de século XXI**. Rio de Janeiro, Record: 2001.

SANTOS, M. **De la totalidad al lugar**. Barcelona: Oikos-tau, 1996.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 1998.

José Vandério Cirqueira Pinto – Mestre em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais – IESA-UFG. Professor efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (SME) e professor da Faculdade Sul’Damérica.

Enviado para publicação em Abril de 2009

Aceito para publicação em Junho de 2009

